

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – POLO IFES CAMPUS ITAPINA
CENTRO DE REFERÊNCIA EM FORMAÇÃO E EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
**PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA
PROFESSORES**

ELSON AUGUSTO DO NASCIMENTO

**A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NO MATERIAL DIDÁTICO: UMA
ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO
ESPÍRITO SANTO**

COLATINA

2021

ELSON AUGUSTO DO NASCIMENTO

A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NO MATERIAL DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado à banca para certificação no curso de Pós-graduação Lato Sensu em Práticas Pedagógicas para professores do Instituto Federal do Espírito Santo, Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância, polo Itapina.

Orientador Prof. Me. Marcelo de Almeida Silva

COLATINA

2021

(Biblioteca Professor Elias Minassa do Instituto Federal do Espírito Santo
Ficha elaborada pela Bibliotecária Débora do Carmo de Souza)

N244r Nascimento, Elson Augusto do.

A representação das pessoas negras no material didático:
uma análise de livro didático utilizado na Educação Pública do
Espírito Santo / Elson Augusto do Nascimento. – 2021.

49 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Marcelo de Almeida Silva.

Monografia (pós-graduação) – Instituto Federal do Espírito
Santo, Programa de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas
para Professores.

1. Representação do negro. 2. Livro didático. 3. Educação
Básica. I. Nascimento, Elson Augusto do. II. Silva, Marcelo de
Almeida. III. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título.

CDD 370



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO
Autarquia criada pela Lei nº. 11.892, de 29 de dezembro de 2008

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO FINAL VIA WEB CONFERÊNCIA

Ata de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso para concessão do Grau de Especialista pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu Práticas Pedagógicas para Professores do Instituto Federal do Espírito Santo.

Colatina-ES. Data da Defesa: 20 de janeiro de 2021.

Candidato:

Elson Augusto do Nascimento

Orientador:

Prof. Me. Marcelo de Almeida Silva (Ifes)

Banca Examinadora:

Prof(a). Ms. Dayane Santos de Souza (membro interno - Ifes)

Prof. Dr. Luís Thiago Freire Dantas (membro externo - UERJ)

Título do Trabalho: A REPRESENTAÇÃO DAS PESSOAS NEGRAS NO MATERIAL DIDÁTICO: ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO UTILIZADO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DO ESPÍRITO SANTO

Hora de Início: 9:30

Em sessão pública, após exposição de cerca de < tempo > minutos, o candidato foi arguido oralmente pelos membros da banca, tendo como resultado:

- APROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO FINAL POR UNANIMIDADE
 APROVAÇÃO SOMENTE APÓS SATISFAZER AS EXIGÊNCIAS QUE CONSTAM NA FOLHA DE MODIFICAÇÕES NO PRAZO FIXADO PELA BANCA (NÃO SUPERIOR A TRINTA DIAS)
 REPROVAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO FINAL

NOTA DA BANCA: 90 pontos


RESULTADO: Aprovado

Na forma regulamentar foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da banca.


Colatina-ES. Data da Defesa: 20 de janeiro de 2021.


Prof. Me. Marcelo de Almeida Silva (Ifes)

CPF: 153.278.327-90


Prof. Dr. Luís Thiago Freire Dantas

CPF: 013.213.555-98


Prof(a). Ms. Dayane Santos de Souza

CPF: 117.564.137-34

O que a tolerância autêntica demanda de mim é que *respeite* o diferente, seus sonhos, suas ideias, suas opções, seus gostos, que não o negue só porque é diferente. (FREIRE, p. 26, 2020)

**Aos familiares, amigos e ao querido orientador, professor Marcelo.
Eu Dedico.**

AGRADECIMENTOS

A todos/as que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa e de formação pessoal e profissional, enriquecendo o meu processo de aprendizagem.

BIOGRAFIA

Elson Augusto do Nascimento, filho de Oliria Maria Costa do Nascimento e Pedro Augusto do Nascimento, nasceu em 03 de fevereiro de 1980, em São Gabriel da Palha – ES; cursou o ensino fundamental na Escola Multisseriada Graciano Neves, zona rural de Colatina – ES e na Escola de 1º grau Pe. Fulgêncio do Menino Jesus – Colatina – ES; e concluiu o curso de magistério e técnico em contabilidade na EEEFM Araribóia, Pancas – ES. Em 2000, ingressou no ensino superior com o curso de licenciatura em Letras – Português/Português da Faculdade Castelo Branco – Colatina – ES. Em setembro de 2017, ingressou no Programa de Pós-Graduação, nível mestrado, na área de Gestão de Processos Educacionais, com pesquisa e produções em formação de professores pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo. Elson acumula experiências em docência e gestão escolar e educacional na Educação Básica, sendo atualmente professor efetivo na rede de ensino de Vila Velha – ES. Apresentou-se para defesa de dissertação em setembro de 2019 e ingressou na Pós-graduação em Práticas para professores em 2019, tendo apresentado trabalho final em janeiro de 2021.

RESUMO

O presente trabalho pauta-se na apreciação da representação do negro no livro didático de História da educação básica; Busca, por meio da proposta de intervenção pedagógica, na perspectiva da aprendizagem baseada em situações problemas, fortalecer iniciativas capazes de evidenciar reflexões e experiências que colaborem para a reinvenção de práticas antirracistas, implementação da Lei 10.639/03, e para o diálogo sobre a inclusão do conhecimento acerca do negro no ensino básico como experiência concreta; Metodologicamente, utiliza a pesquisa bibliográfica, numa abordagem qualitativa, a partir da análise de conteúdo do livro didático de História e sua relação com a representação do negro, tendo como base as imagens, o conteúdo e a temática no conteúdo; Conclui que houve mudanças e avanços na organização do conteúdo e na inclusão temática, porém, não suficientes para penetrar significativamente nas práticas curriculares e pedagógicas propostas pelo livro didático. Consequentemente, a contribuição encontrada ainda não é suficiente para descolonizar pensamentos e práticas pedagógicas e fazer a lei materializar-se no contexto curricular e nas práticas cotidianas escolares.

Palavras-chave: Representação do negro. Livro Didático. Educação Básica.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
METODOLOGIA.....	23
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
Análise do livro História: História, Sociedade & Cidadania (BOULOS, 2016)	27
PROPOSTA PEDAGÓGICA DE INTERVENÇÃO	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
ABSTRACT	44
THE PRESENCE OF BLACK PEOPLE IN ELEMENTARY EDUCATION IMAGINATION: a proposal for pedagogical intervention.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Como professor da Educação Básica Pública, com experiência como gestor pedagógico e formador, deparei-me com inúmeras situações, na prática pedagógica, sobre o processo de ensino-aprendizagem acerca da História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Tais situações foram sempre desafiadoras, pois, ao mesmo tempo em que alcançamos um ambiente político propício à aprovação da lei 10.639/2003, também percebemos um espaço vazio quando procuramos pela representação do negro no conteúdo de ensino básico fora das disciplinas de humanidades. Dessa forma, observa-se que há demanda por ferramentas que contribuam para aumentar essa presença e preencher as lacunas existentes.

Este trabalho traz uma proposta pedagógica de intervenção que tem como objetivos: problematizar a representação do negro no imaginário dos/as estudantes da educação básica, a fim de fortalecer iniciativas capazes de evidenciar reflexões e experiências pedagógicas na colaboração da reinvenção das práticas com a utilização de recursos tecnológicos; aproximar-se da linguagem e do conhecimento dos/as estudantes, com o propósito de auxiliar na ampliação do diálogo sobre a representatividade do negro no contexto da Educação Básica; e, conseqüentemente, materializar-se como ruptura de modelos que apresentam o negro como figura folclórica e estereotipada em muitos materiais didáticos e práticas educativas consolidadas.

Além da experiência pessoal como professor, gestor e como homem negro, a demanda por tal abordagem crítica e propositiva também é reconhecida através da observação apresentada por pesquisadores/as como Garrido (2020), quando afirma, a partir de suas pesquisas sobre a representação do negro nos materiais didáticos, que “o elemento negro ocupou espaço significativo nos livros enquanto escravizados” (GARRIDO, 2020). A autora também destaca que houve mudanças na abordagem e na apresentação, mas estas ainda são insuficientes para conseguir romper com o lugar marginalizado e inferiorizado posto como representação do negro na organização das abordagens didático-pedagógicas apresentadas.

Isto posto, torna-se necessário apresentar problematizações sobre as práticas pedagógicas constituintes dos materiais, tencionando a experimentação de um olhar

crítico e de denúncia sobre as situações pedagógicas que permeiam o ambiente escolar. É preciso romper com a apresentação do negro que surge na História do Brasil como escravo, estereotipado em sua representação na literatura didática, para que seja incluído no centro dos fazeres das práticas pedagógicas, influenciando a formação da visão sobre o direito a uma educação que valorize a cultura, a história e seus diferentes elementos constituidores da identidade do negro no contexto brasileiro (GARRIDO, 2020). Deve-se construir possibilidades pedagógicas que apresentem o negro a partir de sua história de luta por sobrevivência, contra o passado de escravização e de denúncia de um Estado que os mantinha afastados de direitos, conferindo aos estudantes negros e não negros o direito à formação de uma visão de pertencimento positivo na constituição do negro, no diálogo com as práticas pedagógicas (GARRIDO, 2020).

Também é importante destacar as afirmações de pesquisa apresentada por Silva (2015), quando faz referência à apreciação dos livros didáticos do ensino fundamental e traz apontamentos sobre o lugar que a representação do negro assume em sua literatura didática. Segundo a autora, há um silenciamento na prática cotidiana do ensino da Educação Básica, produzindo o que afirma ser uma “ideologia do silenciamento” quanto à representação da imagem do negro nos materiais didáticos, pois constata a existência de uma lacuna em relação à temática étnico-racial e uma disparidade de representatividade que coloca a figura do negro numa normatização da condição do branco. Silva (2005) destaca, inclusive, a naturalização de sua apresentação como uma figura da vulnerabilidade e a ausência de textos literários e não-literários sobre a cultura e a história africana e afro-brasileira.

Aspectos e problemáticas de abordagem temática que também são apontadas por pesquisadores como GOMES (2003), FERREIRA (2011), PIO (2016), SILVA; SANTIAGO (2019) demonstram que ainda há a existência de uma ação pedagógica contrária ao que estabelece a perspectiva da proposta de implementação da lei 10.639/03, que determina o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira e africana no contexto escolar básico. Diante disso, é objetivo questionar a possibilidade de desenvolver práticas pedagógicas do tipo intervenção que possam materializar-se como colaborativas para a ampliação da representação negra, tendo como base uma aprendizagem ativa.

A proposta justifica-se, ainda, por ser possível notar uma forte tendência de práticas pedagógicas com trabalhos numa dimensão tradicional, marcada por um fenômeno muito amplo de tratamento conceitual e da abordagem dos aspectos sobre

a representatividade do negro na construção do conhecimento e informações para os/as estudantes do ensino básico. Há um contexto de educação brasileira com forte apego de transmissão, apresentação folclórica e distanciada dos destaques críticos que são possíveis a partir da dimensão social, política, estética, de gênero, de linguagem e de sujeito histórico-cultural (GOMES, 2003).

Vale destacar que a concepção de representação que fundamenta a perspectiva deste trabalho, é compreendida como algo que se move, sendo dinâmica e de indagação sobre a representação posta nos livros didáticos, se esta representa a realidade verdadeira, e se traz um discurso e linguagem que dialoga com a realidade histórica, social e cultural em sua totalidade. A representação, mencionada, é concebida como aquela que não há um sujeito rígido e fixo.

A base da representação é apresentar reflexões sobre os deslocamentos existentes entre os sujeitos, os objetos didáticos, pensando sobre as relações de poder, as práticas sociais apresentadas, os elementos históricos, e as representações que ocupam o intervalo entre o que há materializado e ausente. A representação vista como para além da construção do real mimético, mas como sendo o próprio sujeito e de aprender o real verdadeiro, a partir dos símbolos, signos, elementos históricos e sociais negados e que constrói uma linguagem, uma textualidade e ampliação das possibilidades de interpretações dos fenômenos sociais, epistêmicos e culturais (SANTOS, 2011).

Para o início da realização do trabalho, a proposta será desenvolvida em ambiente *online* aberto, no qual, através da ferramenta *Google Analytics*, obteremos dados sobre o efeito de diferentes propostas de abordagem em diferentes grupos de indivíduos identificados apenas por estatísticas relacionadas ao dispositivo, horário de acesso e idade. Desta forma, não haverá intervenção direta em um público fechado e designado, mas a coleta de dados já disponíveis ao escrutínio público.

Como ponto de partida, optou-se por utilizar figuras negras pouco exploradas em materiais didático-pedagógicos e que caracterizam uma representatividade potente para o trabalho a ser realizado: **Carolina de Jesus e Chico Prego**. Essa ação, trará, juntamente com os recursos tecnológicos e uma linguagem de aproximação do universo jovem por meio do destaque das figuras escolhidas, situações de aprendizagens ativas e questões implícitas e explícitas com auxílio das possibilidades oferecidas pelas mídias sociais e de comunicação.

Dentre as questões acima apresentadas para a construção da proposta de intervenção pedagógica, destaca-se a importância de atentar-se para a observação

cuidadosa dos aspectos da elaboração de uma prática de intervenção, tais como: a heterogeneidade do público, as limitações estruturais e tecnológicas dos participantes das instituições e os limites de acervo.

As áreas de conhecimento ao redor da educação, nessa proporção de desenvolvimento, podem tornar-se aliadas por serem instrumentos para organização de percursos de reflexão crítico-social, compreendidas, neste contexto, como portas para denúncias, anúncios, transformações e superação social. Numa dimensão que atrela as figuras negras e suas características, textos, tecnologias, sociedade à voz e criatividade dos/as estudantes a partir de um alinhamento crítico, abre-se caminho para a leitura de mundo, para a ruptura do silenciamento que atravessa o contexto escolar. Espera-se, inclusive, que um dos resultados seja a construção de uma prática pedagógica possível de recriar a relação de simpatia e de motivação dos estudantes com tais figuras negras de forma a pavimentar o caminho de jovens negros rumo à autocriação.

As temáticas a serem suscitadas surgem do protagonismo de figuras negras invisibilizadas como sujeitos histórico-sociais e de sua representatividade como lugar plural e político no diálogo sobre o negro. Para que esses resultados sejam alcançados, a organização da proposta orienta-se com o objetivo de não apenas destacar as figuras escolhidas, mas de criar protocolos de ação para que professores de diferentes áreas possam aumentar a diversidade da representação negra nos conteúdos do ensino básico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O desafio é repensar a prática do ensino tendo como base a finalidade de inserir os/as estudantes em contextos de aprendizagens motivadores, visando à superação do modelo tradicional de aula, que nega a possibilidade de diálogo com elementos da história, da cultura africana e afro-brasileira, a partir de figuras negras como sujeitos da história e da cultura. O processo de construção do conhecimento realiza-se com a participação ativa, crítica e política e é marcado pelo desnudamento de violências racistas e simbólicas que estão acumuladas nas maneiras como são organizados e sistematizados os conteúdos nas práticas pedagógicas inseridas nos materiais didáticos (Ferreira, 2014).

Nesse sentido, é necessário problematizar as práticas escolares para perceber que é preciso expressar não só o que é belo, valorizado, verdadeiro ou não, mas todas

as informações que são marcadas nos corpos negros através de silêncios e ausências das figuras negras como representatividade nos diálogos realizados a partir das práticas pedagógicas articuladas no cotidiano da sala de aula (Pio, 2016).

No tocante à prática vigente, é recorrente indagar a serviço de quem, do quê, para quê e a quem se realiza a ação pedagógica no contexto acima mencionado e, conseqüentemente, responder ao silêncio e ao emudecimento que atravessam as práticas realizadas. A proposta é utilizar figuras negras não canônicas de representação social, do cotidiano popular e de pouca visibilidade acadêmica, apresentando-as de um lugar que fortaleça forças de ruptura e resistências ao paradigma da construção ideológica e de violência simbólica, premente nas narrativas e ilustrações didático-pedagógicas e oriundas de hierarquização, construção de um imaginário alinhado com a relação de dominação, marginalização, estigmatização e desumanização do negro.

Por conseguinte, essa proposta visa a desenvolver experiências didáticas de desconstrução da invisibilidade e das construções simbólicas para substituir propostas de práticas pedagógicas que promovem a construção de uma visão inferiorizada, estreita e de negação do protagonismo do negro na história do país e do território social, histórico e cultural dos/as estudantes.

O objetivo é transformar representações de negação, estereotipadas, aplicadas ao negro ao longo da construção das práticas didáticas no contexto da educação básica brasileira. Abrindo, assim, lugares para dialogar sobre personagens, escritores e figuras negras que se tornam possibilidades de novas experiências de vida e de acesso às tradições africanas silenciadas, tornando-se caminho de denúncia e de anúncio sobre aspectos da história de cultura africana e afro-brasileira. Como efeito, pensar alternativas que ampliem o olhar docente sobre a organização da própria prática, da reinvenção do lugar e sobre o papel da temática étnico-racial na elaboração das práticas pedagógicas, dando lugar às práticas diárias de desenvolvimento do autoconhecimento, da autoestima e da resistência ao racismo. Além disso, é válido destacar a problemática sobre o sistema educacional, que tem tido dificuldades em legitimar, efetivamente, as rupturas devido a práticas que reduzem o reconhecimento do estudo das raízes africanas no Brasil a um planejamento de ações educativas do dia da consciência negra (Reis, 2019).

O interesse principal do trabalho é produzir um contato crítico do aluno com as experiências de aprendizagem sobre a representação do negro nas práticas pedagógicas propostas e com o mundo social, contribuindo para a construção de

práticas descolonizadoras que desenvolvam uma visão mais ampla da diversidade e com compreensões sobre os limites individuais e coletivos instalados nas práticas pedagógicas vigentes, potencializando uma prática de leitura crítica da realidade.

Desse modo, a proposta de intervenção pedagógica procura problematizar o quanto há de práticas cotidianas desenvolvidas referentes ao silenciamento dos elementos afro-brasileiros que adquirem o sentido de invisibilidade de grupos étnico-raciais, promovendo a reprodução de um modelo de sociedade discriminatória, produção de gueto ideológico e de experiências pedagógicas de construção do racismo (Peixoto, 2011).

Para fundamentar a superação dos desafios expostos acima, optou-se por embasar o percurso teórico do processo de ensino aprendizagem a um princípio alinhado com a compreensão trazida por Neira (2020, p. 4) ao afirmar que

a experiência escolar é um campo aberto ao debate, ao encontro de culturas e à confluência da diversidade de manifestações. O currículo cultural é uma arena de disseminação de sentidos, de polissemia, de produção de identidades voltadas para a análise, interpretação, questionamento e diálogo entre e a partir das culturas.

Nessa dimensão, coloca-se a realização de uma ação pedagógica e educativa ancorada na perspectiva crítica e social dos conteúdos definidos com base na pedagogia libertadora das ideias de Paulo Freire, contribuindo para a reflexão crítica dos aspectos da discriminação e das relações de desigualdade geradas por distorções históricas, que disseminam desigualdades na sociedade atual. Para solucionar isso, faz-se necessária a escolha de realização de práticas de problematização a partir de situações concretas para os sujeitos envolvidos no processo de construção do conhecimento.

A problematização é a reflexão que alguém exerce sobre o conteúdo, fruto de um ato, ou sobre o próprio ato para agir melhor com os demais na realidade (Freire, 1977, p. 83). Esses questionamentos promovem esforços para compreender a realidade histórica e social, tendo as ações educativas como mediações para a transformação social e análise da realidade concreta dos sujeitos envolvidos e de suas vivências sociais. Nesse processo, a busca e a construção do conhecimento emergem pela mediação, respeitando os saberes prévios dos/as estudantes e seu contexto social, tendo como ponto de partida temáticas que sejam possibilidades para problematizar a realidade. Essa temáticas são identificadas nas experiências

concretas, da análise crítica, a fim de superar obstáculos e desvelar vivências que materializem a práxis de uma nova relação de aprendizagem ativa.

Dentro desse contexto de atuação, o educador e os/as educandos/as são compreendidos como inconclusos e, na horizontalidade, humanizam-se pelo diálogo. Dessa forma, o educador sabe algo que o educando não sabe e o educando passa a ser visto como sujeito conhecedor de coisas que o educador não sabe (Freire, 2014). Assim, ambos são seres que pensam e, por meio do diálogo, exercitam o pensamento crítico, interligando elementos da representação negra e da sociedade através de práticas tecidas a partir da utilização de elementos das metodologias ativas, como experiências históricas e existenciais no mundo e com o mundo.

Por essa lógica de relação pedagógica, o educador e os/as educandos/as serão vistos como aqueles que possuem palavras para dizer o mundo e por meio de ação dialógica vão tecendo a tomada de consciência crítica da realidade (Freire, 2014). Portanto, há a criação de um clima democrático, de autonomia, de espírito inquieto, de escutas e problematização, de leitura da palavra dos negros como sujeitos sociais e históricos e da palavra mundo. Para isso, o objetivo maior é permitir que todos/as se reconheçam como críticos, responsáveis pela busca do conhecimento e pela superação de situações problemas e de opressão. Logo, a temática a ser trabalhada precisa manter-se em pleno diálogo com a realidade dos/as estudantes.

Essa compreensão dá início à problematização da realidade em relação à temática apresentada, questionando e transformando o processo em um desafio que mobilize os/as estudantes para a busca do conhecimento com ações práticas, reconhecendo as questões da realidade, manuseando-as intelectualmente, explorando-as com criticidade, buscando conhecimentos e apresentando intervenções na realidade. Nesse momento, o/a educador/a encontrará a oportunidade para apresentar temas e reflexões que os/as estudantes necessitam dominar para intervirem com clareza e intenção crítica. Os educandos são conduzidos a assumirem uma nova visão sobre a realidade e sua relação com as temáticas propostas, reformulando sua maneira de olhar e de pensar a respeito do conhecimento invisibilizado.

Segue-se, em vista disso, baseando-se a organização e o planejamento no que estabelece a teoria de aprendizagem sociointeracionista, conduzida pelos princípios de aprendizagem concebida como transformação da linguagem que se materializa valorizando elementos sociais e simbólicos, utilizados na prática educativa através de variados signos e elementos sociais e culturais por meio de textos verbais e não

verbais. A elaboração do pensamento e da linguagem defendida para a realização da palavra a ser materializada concebe a aprendizagem como mecanismo de transformação da linguagem em novos pensamentos, dando lugar a uma nova linguagem social. O desenvolvimento é reconhecido como um fenômeno histórico intimamente ligado às condições objetivas de organização social, condições históricas concretas sob a qual há o desenrolo do desenvolvimento pretendido (Corrêa, 2017).

A razão da escolha de percurso cria condições favoráveis para direcionar o conhecimento que se pretende mobilizar e construir a respeito da representação do negro. Gerando, assim, um ambiente propício para a interiorização significativa e contextualizada, tendo como objetivo final de reflexão crítica a superação de situações-limites a partir de intervenções pedagógicas que colaborem para a transformação da realidade escolar frente à comunicação e intercomunicação do conceito educativo na representatividade do negro.

Nessa perspectiva, pretende-se apresentar uma prática de intervenção no ensino básico que reflita sobre os aspectos políticos-ideológicos e sociopolíticos que permeiam a prática do trabalho com a representação do negro. Potencializando, dessa forma, um compromisso que seja ético e político e uma prática de aprendizagem capaz de criar sentidos e significados de interação comprometida com a diversidade social e com as práticas dialógicas e seus múltiplos sentidos no contexto da sala de aula. A nova proposta ajuda a romper com a prática cujo fazer pedagógico vem muito marcado pelo uso de métodos tradicionais e de materiais didáticos, redutores da prática e da experiência do exercício da leitura crítica, da emancipação dos sujeitos, da transformação da realidade e das perversas intenções discursivas e ideológicas.

São necessárias ações realizadas por meio do uso de estratégias elaboradas para propiciar condições em que os estudantes sejam

[...] capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher [...] (FREIRE, 2014, p. 51).

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 2014, p. 59).

Assim, a nova ideia torna-se parte do processo para a construção de um caminho que valorize uma aprendizagem ativa, comprometida com a criação de uma consciência singular, mas também coletiva, compreendendo que a autonomia e a

formação da pessoa humana são consequências das escolhas e atitudes tomadas no decorrer de planejamento, organização e realização da prática pedagógica.

Busca-se, no percurso de ação, tencionar as práticas pedagógicas, levantando situações problemas a partir da representação do negro nas propostas elaboradas para dialogar com a história africana e afro-brasileira. Sua finalidade é apresentar práticas que revelem modelos hegemônicos existentes e tratar o negro como sujeito histórico e social da sua própria palavra de leitura de mundo. Objetiva-se construir encaminhamentos pedagógicos comprometidos com a pluralidade, abrindo espaço na construção das práticas pedagógicas e em sala de aula para a reversão de um modelo que tem se mostrado excludente (Peixoto, 2011).

O trabalho desenvolvido neste estudo faz defesa da intervenção, na perspectiva da aprendizagem baseada em situações problemas, orientada por etapas que sejam capazes de assegurar pré-aula, durante a aula e pós-aula (conforme detalhamento no item de proposta de intervenção pedagógica deste estudo - Zanetti, 2019) como caminho possível para a criação de novos percursos pedagógicos para o acolhimento da diversidade étnico-racial. Para Gil (2020), a aprendizagem baseada em problemas (ABP) apresenta semelhança com a metodologia da problematização freireana, mas há diferenças significativas. Enquanto a primeira concepção de problematização orienta que os/as estudantes analisem a realidade que envolve o tema em estudo a fim de identificar contradições a serem problematizadas, a segunda pretende que os/as estudantes utilizem problemas como ponto de partida para adquirir e integrar conhecimentos, orientando-se por uma lógica semelhante a da pesquisa científica, construindo hipóteses, coletando dados, analisando e discutindo para chegar a uma conclusão.

As estratégias do trabalho serão alinhadas ao uso de metodologias ativas, aqui direcionada pela aprendizagem baseada em problemas. Tendo como finalidade criar situações que sejam estruturadas por elementos que auxiliem os/as estudantes a conhecer aspectos macros, analíticos e seu aprofundamento a respeito da temática desenvolvida, valorizando a postura ativa dos/as estudantes (Zanetti, 2019). Dessa forma, traduzindo-se como caminho para desenvolvimento e fortalecimento da autonomia, aptidões para resolver situações problemas, colaboração, aprendizagem envolvente, protagonismo, senso crítico, empatia, responsabilidade e participação dos estudantes, permitindo a construção de uma prática mais horizontalizada (Zanetti, 2019).

Em um contexto de práticas, todas as estratégias buscarão primar por um movimento que permita que os/as estudantes ouçam, mas também aprendam a falar, atuar, selecionar, comparar e relacionar, de maneira significativa, a teoria com a prática, sendo inseridos no processo como sujeitos transformadores. Para isso, os/as educadores/as precisam colocar-se no contexto de aprendizagem com proposições educativas que relacionem tensão e conflito, mas alinhados a uma ação que dialogue com a afetividade para dar início a um exercício que permita o contraditório, na qual a autoridade soma-se à liberdade.

Para esse processo, a tecnologia deve ser acolhida, na prática pedagógica, como recurso que empodera o docente, promovendo a possibilidade de ampliação do tempo de atuação e de mediação, tornando-se, instrumento de contribuição para a equidade, o acesso, a inclusão, a melhoria da qualidade da prática pedagógica, a personalização do processo de aprendizagem, o auxílio ao ritmo, o perfil da aprendizagem e a aproximação de recursos de apoio para a criação de novas estratégias, além da mudança da relação com a aprendizagem e de novas possibilidades para ampliar o diálogo – pedagógico para a representação do negro. Assim, reconhecendo

[...] que a tecnologia é a integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbólica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital. [...]. Por isso educação formal é cada vez mais *blended*, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano que incluem os digitais. [...] (MORAN, 2015, p. 16).

Todo esse processo torna-se um chamado para trazer o mundo para dentro da escola e abrir a escola para a interação com o mundo, a diversidade e as invisibilidades alimentadas pelos modelos tradicionais de práticas.

No modelo, o planejamento da prática pedagógica materializa-se com base a partir do apoio dos recursos técnicos disponíveis e acessíveis aos/às estudantes como um processo de comunicação e intercomunicação, numa dimensão ativa, educativa, horizontalizada, conscientizadora, construtora de novas linguagens. Objetivando uma ação voltada para mudanças mais profundas, interdisciplinares, de protagonismo dos/as estudantes e de prioridade às metodologias ativas, propõe-se o uso de recursos como *podcast*, *padlet* e outras ferramentas que se aproximam do cotidiano dos/as estudantes. Essa sugestão baseia-se, em uma organização inovadora, disruptiva, capaz de apresentar um redesenho a partir do uso de metodologias baseadas em atividades que despertem, pelos desafios, a compreensão e o ritmo de cada sujeito na aprendizagem.

Uma vez que esta proposta tem como finalidade que os estudantes sejam proativos, opta-se por defender uma perspectiva de metodologia de ensino-aprendizagem em que os estudantes estejam envolvidos em atividades com um nível de complexidade que os provoque a tomar decisões, avaliar resultados e utilizar, como apoio, os materiais de maneira criativa, realizando experimentações na busca de outras possibilidades. Como afirma Morán (2015, p. 18), é importante reconhecer que as metodologias ativas são pontos de partida para avançar para processos superiores de reflexão, de integração cognitiva, de generalização e de reelaboração de novas práticas e visão de mundo.

Portanto, pretende-se contribuir para a ruptura de modelos tradicionais para dar lugar a uma prática baseada no diálogo e na valorização da capacidade criativa dos/as estudantes, orientando-se por exemplos concretos de

[...] escolas que nos mostram novos caminhos [que] estão mudando o modelo disciplinar por modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras, combinando tempos individuais e tempos coletivos; projetos pessoais e projetos de grupo. Isso exige uma mudança de configuração do currículo, da participação dos professores, da organização das atividades didáticas, da organização dos espaços e tempos (MORÁN, 2015, p. 19).

A escolha das ferramentas pauta-se na possibilidade de interação, de aproximação com outros aplicativos de redes sociais com os quais os adolescentes da Educação Básica já possuem familiaridade para comunicar e interagir em seu cotidiano. Inclui-se, ainda, a multiplicidade de linguagens que podem ser aplicadas com o uso de ferramentas tais como textos, vídeos, documentários, textos não-verbais e verbais e uma série de outros formatos e gêneros existentes e a autonomia para pesquisa, escolha, criação e comunicação.

Por fim, a finalidade principal dessa proposta é assegurar aos estudantes uma motivação autônoma, com autoconfiança, disponibilidade intelectual, afetiva e garantia de formação de estudantes pesquisadores, desenvolvendo espírito científico e crítico. Diante de um contexto complexo, mas repleto de novas possibilidades educativas e pedagógicas, emerge como questão orientadora para a problematização deste estudo: É possível desenvolver práticas pedagógicas do tipo intervenção que possam materializar-se como colaborativas para a ampliação da representação negra, tendo como base uma aprendizagem ativa?

Tal questão levou a formular o seguinte objetivo de estudo: Elaborar uma proposta intervenção pedagógica sobre a representação do negro na Educação

Básica, a partir de figuras negras não reconhecidas pelos materiais didáticos, utilizando recursos da aprendizagem ativa.

REVISÃO DE LITERATURA

Para o desenvolvimento da proposta de estudo, optou-se por realizar um levantamento do conhecimento produzido fundamentando-se em pesquisas já existentes e que compõem o banco de teses e dissertações da CAPES, com abordagens sobre a temática “Relações étnico-raciais, material didático e representação do negro”, no período de 2013 a 2020. Além disso, foram feitas buscas sobre quais articulações de estudo e pesquisa estavam sendo realizadas em artigos e em grupos de estudos e pesquisas alinhados com a investigação sobre a mesma abordagem. Com esta busca, foi possível notar a existência de inúmeros grupos, mas com destaques para a Associação Brasileira de pesquisadores negros – ABPN, o Movimento Negro Unificado – MNU, o Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas e o Grupo da Faculdade de Educação da USP. Todos possuem pesquisas voltadas para a análise do livro didático e a representação do negro e questões étnico-raciais. Além do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Quilombola – GEPEQ e do MUCAI, Museu virtual de contos africanos e ITAN, com experiências desenvolvidas com estudantes do ensino fundamental.

Com base na plataforma CAPES e nos grupos de estudos e pesquisas, foi possível selecionar como relevância e referência os seguintes aspectos e abordagens tratados:

Segundo pesquisas de Andrade e Coutinho (2020), elaboradas a partir do artigo “Estado da arte: o negro no livro didático de história do ensino fundamental I e II”, com informações obtidas de teses e dissertações publicadas com a temática no período de 17 anos após a implementação da Lei 10.639/03, destaca-se a presença de lacunas e de denúncias nas pesquisas produzidas e são apontadas a existência de produções de materiais didáticos que sinalizam *deficit* sobre a temática, além da presença de estereótipos e imagens que não condizem com o que a lei e suas diretrizes implementaram.

Os autores assinalam a necessidade de maior atuação a respeito da representatividade do negro no livro didático no que se refere a imagem, mudanças, permanências, avanços e bloqueios na implementação da lei e de suas diretrizes.

Afirmam também que há um número reduzido de pesquisas acerca da temática, com poucas publicações no período de 10 anos de implementação da Lei 10.639/03. As pesquisas estão concentradas na região Sul e Sudeste e algumas no Centro-oeste. Faltam trabalhos no Norte, sendo maioria os trabalhos de instituições públicas, com maior abordagem no Ensino Fundamental II (Andrade e Coutinho, 2020).

A partir do estudo de estado da arte, identificou-se que, quando as pesquisas tratam da abordagem do continente africano, há a identificação de apresentação de estereótipos, com falta de informações concretas e representativas sobre a importância do continente na discussão entre estudantes e professores. As pesquisas têm reconhecido a apresentação da imagem dos negros e afrodescendentes nos livros didáticos de maneira mais caricaturada e as transformações identificadas visam a atender a legislação vigente (Andrade e Coutinho, 2020).

Vale destacar que o livro didático é considerado simbolicamente, apresentado como portador de uma cultura legítima a ser transmitida. Ele torna-se, diante da sobrecarga de trabalho docente, valioso e de forte uso no desenvolvimento das ações educativas, significando um instrumento de repasse de informações, costumes, tradições, lutas e conquistas. Deve-se questionar seu papel e sua função social, o que valoriza mais e com que intenção o faz. Diante disso, o desafio é pôr-se a indagar como são realizadas as representações sociais no livro didático, pois ele é portador de informações e de mensagens ideológicas, detém valores e significados implícitos, constitui a voz dos educadores/as e influencia as vozes dos/as educandos/as.

Em Andrade e Coutinho (2020), nota-se que as pesquisas denunciam e expõem que, há mais de uma década, existe um descaso com as relações étnico-raciais e com a representação do negro. Encontra-se, ainda, a permanência de censuras e amenizações de aspectos e elementos importantes para a mudança social que deve começar nas experiências vivenciadas em sala de aula com as práticas pedagógicas que compõem os materiais didáticos.

Já Muller (2018), ao analisar teses, dissertações e artigos sobre o livro didático, suas relações étnico-raciais e sua conformidade com a Lei 10.639/03, publicados em periódicos na área de educação no período de 2003 a 2014, pôde identificar que a promulgação da lei trouxe algumas mudanças de caráter quantitativo nos conteúdos escolares e no livro didático, pois houve inclusão da história e cultura negra e da África. Porém, afirma que essas mudanças não são significativas e de impacto na cultura das práticas escolares, materializando-se mais como mudanças mínimas para atender a legislação vigente. A autora reconhece que há a necessidade de estudos e

análises sobre o negro e o livro didático, reconhecendo que o livro didático é um recorrente no trabalho docente, mas, de acordo com a análise, percebe que as pesquisas e produções vem marcadas por observações relacionadas à discriminação, ao preconceito, a condições do negro como sujeito escravizado, em que imagens do mesmo são apresentadas como de caráter mais ilustrativo e não para acrescentar informações, conhecimento e crítica. Nesses contextos de pesquisa, percebe-se que os conteúdos são organizados com ênfase na construção de uma visão do negro como oprimido e marginalizado.

Os resultados de Muller (2018) sinalizam, inclusive, a existência de uma forte tendência de pesquisas que trazem denúncias de racismo e propõem uma educação antirracista, constatando a necessidade de estudos sobre modificações na organização, inclusão do conteúdo e imagens desmistificadoras de estereótipos, além da necessidade de inclusão do negro nos materiais didáticos nas representações de ciências, profissões, domínio de tecnológicas, literatura entre outros. Foram identificados, ademais, ausência de propostas de pesquisas que apresentem usos diversificados do livro didático na prática pedagógica da sala de aula, explicitações dos saberes docentes revelados no uso do livro didático, ocorrência de um silenciamento sobre o uso crítico do livro didático e sua utilização na interação com outras tecnologias e confrontos de informações. A autora inclui, ainda, que se faz necessário propor pesquisas que dialoguem com as mudanças de raciocínios e as posturas presentes na cultura escolar com vistas à superação do racismo, adotando um currículo multiculturalista e intercultural que favoreça uma efetiva intervenção no contexto da escola, que gera incompreensões e desrespeito étnico-racial dos sujeitos (Muller, 2018).

Peixoto (2011) e Ferreira (2014), em suas teses a respeito das relações étnico-raciais sobre a representação do negro no material didático e nas práticas pedagógicas para a Educação Básica, apontam os desafios encontrados com a aprovação da Lei 10.639/03. Ambas encontraram a anunciação de racismo nos materiais didáticos, práticas explícitas e implícitas de defesa da inferioridade de grupos étnico-raciais, forte apego à preservação de representações canônicas e eurocentradas, a existência de uma escola com práticas pedagógicas reprodutoras de discriminação e depreciação sistemática da representação do negro ao lado da valorização sistemática da representação do branco.

As duas autoras citadas identificam, também, a minimização e a falta de referências, nos materiais didáticos, de grupos étnicos-raciais. Havendo a forte presença, nos

textos, imagens e ilustrações, de uma visão do negro mais como objeto e menos como sujeito, sendo apresentado como figura subalterna, passiva, escravizada, digna de comiseração, reproduzindo uma lógica própria para os negros e uma outra para os não-negros. Esse tipo de representação perpetua, na visão das autoras, a reprodução de racismo e gera opressão cotidiana à população negra, de matrizes africanas e, inclusive, contradições sociais (Peixoto, 2011 e Ferreira, 2015).

Nas pesquisas, as autoras apontam que há, nos livros didáticos, a tratativa da relação dos negros/as com uma forte tendência à sub-representação da população nas imagens, sua presença em lugares e condições subalternas e de risco, vulnerabilidade, estado de abandono e envolvimento com o trabalho infantil, apresentando-o como sujeito com direitos violados, em condição de miserabilidade, criminalidade e em posições inferiores em comparação com o branco.

Ferreira (2015), ao apontar desafios e reflexões sobre estudos e desafios para construção de práticas emancipatórias para o lugar da representação do negro nas práticas pedagógicas e materiais didáticos, destaca a importância do letramento racial crítico como possibilidade para refletir e ver o próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso cotidiano e quanto causam impactos em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, no ambiente escolar ou universitário, em nossas famílias e nas nossas relações sociais. Dessa forma, a autora reconhece a importância de utilizar o letramento racial crítico na prática pedagógica para que, assim, possa-se criar alternativas para colaborar com a construção de uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade.

O desafio é pensar sobre a possibilidade de transformação do espaço-tempo das práticas pedagógicas, numa perspectiva crítica e de valorização de vivências construtivas e interativas, capazes de refletir acerca da representação do negro nas propostas de atividades pedagógicas, como objeto e/ou como sujeito, abrindo espaço para a inclusão de uma prática comprometida com o corpo negro, suas lutas, seus elementos culturais na história no Brasil e na realidade concreta dos estudantes. (PEIXOTO, 2011). Quando não se atenta a esses aspectos, arrisca-se a construir um contexto educativo com ideologias estruturais e simbólicas que se fortalecem e nascem da prática de violência, gerando conflitos, disputas políticas, culturais e materiais e operando por vias da individualidade, com tensões coletivas transmitidas por meio das experiências pedagógicas que compõem o material didático.

Tem-se, nessa perspectiva, um desafio à produção de práticas pedagógicas que possuam a finalidade de aproximação a uma experiência crítica e de

desvelamento dos exercícios de distanciamentos das práticas pedagógicas com as relações étnico-raciais, assumindo uma abordagem crítica, de inclusão e de esclarecimento das invisibilidades existentes (Peixoto, 2011). É possível perceber pelas pesquisas que, quando se trata da utilização de textos de variados gêneros, consideram-se as visões sobre os negros. No entanto, não é suficiente identificar a presença de autores negros, marcando-se por um apagamento de obras ou recortes de autores, principalmente daqueles/as que produzem uma voz de denúncia das situações de homens mulheres negras como sujeitos-históricos.

Pode-se afirmar, diante do exposto, que o material didático está ainda, mesmo com todas as conquistas, permeado pela reprodução de um silêncio de vozes negras, demonstrando a grande necessidade de tratar de escritores/as, personagens urbanos e da história negra, ou seja, é necessário falar a respeito da representação do negro na construção das práticas pedagógicas. Somente dessa forma, haverá uma ruptura com a cultura hegemônica, abrindo espaço para incluir autores, pensadores, guerreiros e heróis que fogem à lógica da supremacia e produzem conhecimento sobre as tradições histórico-culturais de origem africana no Brasil e sobre o cotidiano afro-brasileiro (Peixoto, 2011).

METODOLOGIA

A metodologia em uma pesquisa social é um elemento que está para além do método por si, por isso Minayo (2004) afirma que “é a metodologia uma relação que transcende a utilização de técnicas e de instrumentos para se chegar a um conhecimento” (MINAYO, 2004, p. 15). Dessa forma, pode-se perceber que desenvolver uma pesquisa social e educacional não é somente estabelecer os instrumentos para a coleta de dados que serão usados, mas inserir relações de sentidos às indagações com as problematizações propostas, criando um vínculo coeso aos conceitos que a fundamentam. Por esse ângulo, compreendemos o ato de pesquisar como um processo pelo qual o pesquisador coloca prática e teoria na busca de conclusões e indagações.

A finalidade é seguir um percurso metodológico de pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e empírica de captação teórica apta para aproximar-se da dimensão simbólica e interpretativa das relações sociais quanto ao tratamento da representação do negro no material didático utilizado para o desenvolvimento deste estudo. Para Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida tendo por base um

material já elaborado, ou seja, é uma forma de pesquisa que nos permite investigar uma gama de fenômenos, em razão da sua capacidade de ampliar, mesmo que indiretamente as possibilidades comparativas, descritivas e de interpretação de um determinado fenômeno. Muito embora a problematização desta proposta tenha emergido da experiência docente e sendo possível verificar aspectos de sua natureza prático-teórica em textos relevantes e contemporâneos, optou-se, para a concretização dessa investigação, pela pesquisa bibliográfica com análise de conteúdo numa perspectiva qualitativa descritiva.

Como base complementar do percurso metodológico, esta pesquisa pautou-se em um processo interpretativo focado na avaliação temática realizada através da análise de conteúdo, procedimento que, segundo Oliveira et al (2003), constitui-se como “um conjunto de técnicas de exploração de documentos, que procura identificar os principais conceitos ou os principais temas abordados em um determinado texto.”

Para o método de pesquisa estabelecido foram utilizados como elementos enunciados, discursos, textualidades e organizações temáticas, a fim de capturar o modo como a representação social do negro é enquadrada no livro didático escolhido para a descrição, análise e interpretação deste estudo.

A proposta tem o objetivo de (i) definir se, mesmo após a implementação da lei 10.639/03, há problemas sobre a representação do negro; (ii) apresentar interpretações sobre suas causas; (iii) avaliar o tratamento dado e propor possíveis tratamentos adequados; e (iv) propor alternativas de reflexão para repensar os “modelos” de práticas colonialistas.

Neste contexto, considerando o tema geral das relações étnico-raciais e da representação de cada etnia no imaginário social, nosso enquadramento será relativo aos aspectos qualitativos desta representação no ensino básico, no componente História. Vale destacar que a pesquisa busca fortalecer e abrir possibilidades para discutir e repensar a relação das práticas pedagógicas e a representação do negro no meio escolar a partir do livro didático de História para o ensino médio adotado no período 2016 a 2020.

O percurso metodológico foi organizado a fim de realizar uma análise de conteúdo de um livro didático, por meio das categorias: imagem, representação do negro e conteúdo. Reconhece-se o material didático escolhido como uma bibliografia com possibilidades para um estudo específico sobre exclusão/inclusão de aspectos da representação do negro na organização dos conteúdos escolares.

A pesquisa é concebida como procedimento metodológico para direcionar a reinvenção e a ressignificação de práticas pedagógicas com a inclusão da representatividade do negro para o diálogo sobre os conteúdos, inclusive, utilizando dados de publicações existentes para auxiliar na construção e melhor definição de aspectos que envolvem o objeto de estudo. Desse modo, a abordagem qualitativa descritiva permite conhecer um conjunto de significados, crenças, valores e concepções geradas com base nos sujeitos pesquisados e do que se encontra sobre a representatividade do negro nos materiais didático-pedagógicos.

Esse estudo é uma busca pela compreensão dos fenômenos presentes nas produções e experiências concretizadas, buscando perceber de que maneira as pesquisas estão materializando a representatividade do negro nos livros didáticos e como estão se organizando, estruturando, reestruturando e redefinindo perspectivas pedagógicas e de tratamento educativo-pedagógico da representação do negro na elaboração das práticas escolares do ensino básico. Assim, para a realização dessa investigação, optou-se pela perspectiva descritiva e interpretativa, considerando contradições e conflitos que permeiam o objeto de estudo, compreendendo o movimento histórico, as dimensões filosóficas, materiais/concretas e políticas que o envolvem.

O ponto de partida foi a busca por trabalhos que desenvolvem a pesquisa tendo o livro didático como objeto e que mostram, no âmbito geral, como o negro é representado nesse formato de material impresso, veiculado no ambiente escolar, conforme foi possível observar no item referente à revisão de literatura. Seguindo a perspectiva estabelecida, iniciou-se a busca por uma escola pública que possuísse a modalidade Ensino Médio e que fosse participante da escolha de livro didático proposta pelo PNLDEM – Programa Nacional do Livro Didático do Ensino Médio. Seguiu-se, depois, com a identificação do livro didático escolhido para o componente curricular História para o período letivo delimitado.

Com a posse dos dados do livro adotado pela escola, o estudo de análise procurou apreender e destacar a existência de avanços acerca da abordagem da representação do negro e da aplicação do conteúdo História da África e Cultura Afro-brasileira. Em seguida, foi realizada a escolha de um dos volumes da coleção para a análise e tentativa de responder à problematização apresentada neste estudo.

A ação investigativa ocorreu com a verificação de informações, ilustrações, textos, organização do conteúdo e modo como estão elaboradas as propostas de leituras e atividades, sua relação com aspectos sociais, culturais, históricos e políticos

referentes à representação do negro e de como está apresentada a abordagem sobre a temática e se segue em conformidade com a legislação. Em sequência, foram realizadas interpretação, análise e síntese. Posteriormente, fez-se a conclusão com a apresentação de considerações críticas e propositivas e de elementos relacionados à implementação de práticas pedagógicas com maior autenticidade a respeito da temática.

Por fim, foram inseridos argumentos em defesa da problematização exposta neste estudo, a experimentação de novas possibilidades para acolhimento da representação do negro como temática plural de sentidos e significados no contexto das práticas para o ensino básico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para responder à questão proposta por esse trabalho, realizou-se um estudo bibliográfico, numa abordagem qualitativa, baseado na técnica de análise de conteúdo do volume 3, da Coleção “História, Sociedade & Cidadania, de Alfredo Boulos Júnior (2016), para o 3º ano do Ensino Médio da Educação Básica, adotado por uma escola estadual pública, localizada na região Noroeste do Espírito Santo para o período de 2016 a 2020.

A análise da representação do negro foi empreendida a partir de um estudo que observa o modo como a figura do negro aparece nas ilustrações, nos conteúdos dos textos, nas abordagens da temática em sua linearidade e materialidade didática e, principalmente, na organização das práticas pedagógicas propostas pelo material. Procurou-se apreender, desse universo simbólico didático, a importância atribuída às figuras negras, através de indicadores pictóricos, textualidade histórica e contemporânea e por meio de atributos históricos, demográficos, culturais e sociais.

Toda a ação buscou uma aproximação com o que estabelecem as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2004)*, a fim de fortalecer caminhos de reparação e minimização dos danos causados historicamente à imagem, ao estereótipo proveniente de distorções associadas à figura do negro e sua representação didática. Especificamente, o trabalho buscou observar, descrever e analisar as situações encontradas em imagens, textos e propostas pedagógicas de atividades, no período Constituição Federal de 88 e da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares, e observar como a linguagem desenvolvida pelos livros didáticos vem

contribuindo para a construção de uma sociedade crítica aos aspectos relacionados à prática de preconceito, racismo e invisibilidade de uma cultura e de uma história que constitui o povo brasileiro.

Vale destacar que se pretendia ampliar o diálogo, mas devido às adversidades trazidas pelo período da pandemia, no que se refere à dificuldade de acesso a bibliotecas e espaços escolares, optou-se, estritamente, pela análise do volume 3 da coleção do componente curricular História para o Ensino Médio, conforme a descrição e análise de alguns resultados obtidos com a investigação sobre o tratamento dado à temática de representação do negro no livro didático.

Fundamentou-se na compreensão de que o livro didático de História é oferecido aos/às professores/as da disciplina de História como material base e de apoio para subsidiar os planejamentos de suas aulas e atividades, orientando as estratégias e conhecimentos a serem construídos em suas aulas, tornando-se, conseqüentemente, um instrumento para o processo de aprendizagem dos/as estudantes.

Dessa forma, apresenta-se a análise do livro escolhido, orientando-se pelas categorias: imagem, representação do negro e conteúdo.

Análise do livro História: História, Sociedade & Cidadania (BOULOS, 2016)

O livro **História, Sociedade & Cidadania (BOULOS, 2016)** possui 04 unidades, é composto por 13 capítulos destinados a temas da História, divididos em 13 unidades, numa abordagem tradicional do ensino de História de base historiográfica contemporânea.

Abaixo segue listado o título de cada capítulo, com o intuito de colaborar com a visualização do encadeamento conteudístico dado pelo autor ao exemplar da coleção daqui por diante analisado:

Unidade 1: Resistência à dominação – Industrialização e imperialismo; A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa; Primeira República: dominação e resistência.

Unidade 2: Propaganda política, esporte e cinema – A Grande Depressão e os fascismos; A Segunda Guerra Mundial; A Era Vargas; A Guerra Fria.

Unidade 3: Movimentos Sociais – Independências: África e Ásia; O socialismo real; De Dutra a Jango: uma experiência democrática; O Regime Militar.

Elaborado pelos autores.

As unidades da obra são organizadas da seguinte maneira:

A **unidade 1 “Resistência à dominação”** é constituída pelos capítulos 1 “Industrialização e imperialismo”, 2 “A primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa” e 3 “Primeira República: dominação e resistência”. O autor inicia o livro fazendo uma abordagem sobre a Europa no século XIX, A aceleração industrial, Taylorismo, fordismo e produtividade, a Concentração de capitais, O imperialismo, A África: dominação e resistência, Franceses na África, Belgas na bacia do rio Congo, Britânicos na África, Outros europeus na África, a Conferência de Berlim, a Partilha da Ásia, Britânicos na Índia, A revolta dos Sipaios, Britânicos na China. Em seguida, trata sobre a grande guerra, a Grã-Bretanha, a França, a política de alianças, o expansionismo da Rússia, a paz armada, o estopim da guerra, as fases da guerra, a entrada dos Estados Unidos e a saída da Rússia, os tratados de paz, a liga das nações, a revolução russa, a Rússia dos czares, modernização, indústria e movimento operário, o socialismo, o socialismo utópico, o socialismo científico, o socialismo na Rússia, as rebeliões de 1905, a revolução em marcha, o governo provisório, o governo de Lênin, os vermelhos contra os brancos, a disputa entre Trotsky e Stalin e o governo de Josef Stalin. Por fim, o último capítulo da unidade, intitulado “Primeira república: dominação e resistência”, aborda o domínio das oligarquias, a política dos governadores, café com leite ou café com política?, a valorização do café, a borracha da Amazônia, indústrias e urbanização na Primeira República, industrialização e urbanização, urbanização e imigração, os portugueses no Rio de Janeiro, os italianos em São Paulo e no Sul, política externa, resistência: a guerra de Canudos, a guerra do Contestado, Cangaceiros e cangaço, modernização e revolta no Rio de Janeiro, a revolta contra a chibata, o movimento operário, a greve de 1917 e os comunistas e anarquistas.

A **unidade 2 “Propaganda política, esporte e cinema”**, composta pelos capítulos 4, 5, 6 e 7, inicia-se com uma abordagem sobre a Grande Depressão e os fascismos, tratando sobre as razões da Grande Depressão, repercussões da Grande Depressão, o governo de Roosevelt, o New Deal, o fascismo e suas modalidades, o

fascismo italiano, o governo Mussolini, o nazismo na Alemanha, reabilitação da Alemanha, a ditadura nazista do Terceiro Reich, a economia alemã sob o nazismo. Na sequência, traz a Segunda Guerra Mundial, abordando os desafios à ordem mundial nos anos 1930, o avanço japonês na Ásia, o imperialismo italiano, a escalada nazista, política de apaziguamento, o pacto germano-soviético, a ofensiva nazista na Europa, a batalha da Inglaterra, a invasão da União Soviética, Estados Unidos, Brasil e Japão, a contraofensiva dos Aliados, bombas sobre o Japão, crimes contra a humanidade.

Adiante, trata da Era Vargas, o movimento tenentista, os 18 do Forte, o segundo 5 de julho, a coluna Prestes, o movimento/revolução de 1930, o primeiro governo Vargas, a oposição paulista, o movimento paulista de 1932, a constituição de 1934, o governo constitucional, o Estado Novo, economia: entre a indústria e a agricultura, o golpe integralista e o DIP, política de massas e trabalhismo, o Brasil e a Segunda Guerra Mundial, o fim do Estado Novo e o “queremismo”.

Por fim, aborda a Guerra Fria, uma ordem mundial bipolarizada, Teerã, Yalta e Ptsdam, a organização das Nações Unidas, o gérmen da Guerra Fria, a Alemanha dividida, Otan versus Pacto de Varsóvia, a Guerra da Coreia, repressão e perseguição durante a Guerra, a corrida armamentista e espacial na era do medo, a política de coexistência pacífica.

Na unidade 3 “**Movimentos sociais**”, composta pelos capítulos 8, 9, 10, 11, o autor apresentou as independências na África e na Ásia, processos de independência na África, processos de independência na Ásia, segue com o socialismo real abordando o caso da China, a dominação estrangeira, a queda do Império e o nascimento da República, o marxismo na China, nacionalistas versus comunistas, nacionalistas e comunistas contra o Japão, a China de Mao Tsé-tung, a política do Grande Salto, a revolução cultural, o caso do Vietnã, a Guerra do Vietnã, o caso de Cuba, a desigualdade socioeconômica, a revolução cubana e Cuba hoje.

A seguir trata a respeito de “Dutra a Jango: uma experiência democrática”, apresenta as eleições de 1945, o governo Dutra, a constituição de 1946, política econômica, as eleições de 1950, o segundo governo Vargas, trabalhismo, inflação e greve, a campanha contra Getúlio, o governo Café Filho, o governo Juscelino, o plano de metas, o desenvolvimento, a migração para o Centro-Sul, o governo Jânio Quadros, economia, política externa, a renúncia de Jânio, o governo de João Goulart, as reformas de Base, o golpe civil-militar de 1964, Regime Militar, militares no poder, os castelistas, a linha-dura, a resistência democrática: estudantes, operários e políticos, os anos de chumbo, a luta armada, a propaganda de massa, o governo

Geisel, o pacote de Abril, a batalha pela democracia, o novo sindicalismo, o governo Sarney, a constituinte e a nova Constituição.

Por último, a Unidade 4 “**Meio Ambiente e saúde**”, composta pelos capítulos 12 e 13, tem início com a abordagem sobre o fim do bloco soviético e a nova ordem mundial, união das Repúblicas socialistas soviéticas, a união soviética de Krushev e Brejnev, a crise soviética dos anos 1980, o governo de Gorbachev, mudanças no Leste europeu, o caso da Alemanha, outros países do Leste europeu, o desmembramento da Iugoslávia, o processo de globalização, os novos polos de poder, decolagem do Japão, a força da China, a emergência da Índia, blocos econômicos, globalização e desemprego, críticas à globalização, conflitos e tensões do mundo atual, conflitos no Oriente Médio, Guerras e mais guerras, o movimento palestino, o caso do Irã, o Afeganistão, a invasão do Iraque, as lutas populares na África do Norte e no Oriente Médio. Finalmente, o Brasil e a nova ordem mundial, tratando sobre a campanha presidencial de 1989, o governo Collor, o impeachment, o governo Itamar Franco, o governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), o governo Lula, o governo Dilma Rousseff.

Diante do exposto pelo exemplar da coleção, foi possível realizar as seguintes apreensões e interpretações de como o livro representa o negro em sua linearidade:

A obrigatoriedade de incluir História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da Educação básica, realizada como uma atitude política, trouxe a necessidade de mudanças na organização pedagógica dos conteúdos e de suas práticas. A proposta não é meramente a mudança de um foco etnocêntrico e europeu para um africano, porém a possibilidade da ampliação para o trabalho com a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira (BRASIL, 2013).

Nessa perspectiva, afirmam as DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, p. 503, 2013:

A relevância do estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana não se restringem à população negra, ao contrário, dizem respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma democrática (BRASIL, 2013).

Desse modo, é fundamental ter clareza, conforme aponta a LDB 9.394/96, de que o processo de inclusão de temas e trabalho pedagógicos acerca do objeto de estudo desta proposta está além da inclusão de conteúdos programáticos específicos. As propostas precisam proporcionar contato permanente das rotinas pedagógicas e

de diálogos temáticos com atividades e experiências que contribuam diariamente para o contato dos estudantes com as contribuições histórico-culturais dos povos de raízes africanas e demais histórias e culturas étnicas, rompendo com modelos positivistas hegemônicos ou outras vertentes que não sejam capazes de problematizar o conteúdo.

Em Boulos (2016), a África e sua história são trabalhados na obra de maneira superficial, pontual e alinhada à temática da Ásia, como descreve o capítulo 8 “Independências: África e Ásia”, abordando tópicos como: Razões das independências na África e na Ásia: (i) processos de independência na África e (ii) processos de independência na Ásia. Pode-se afirmar que não há, no livro, a responsabilidade de apresentar a temática ligada ao aprofundamento da representação do negro na história mundial e suas civilizações, entre outros aspectos. Não há demonstração de um esforço de pesquisa e estudo dedicado a trazer a África para o programa e nem projetos com base em uma concepção que rompa com o ato de apenas noticiar a respeito para permitir que os estudantes possam internalizá-la criticamente.

Percebe-se uma forte influência do modelo positivista hegemônico, mesmo com as novas perspectivas de ensino de História e com a necessidade de abrir espaço para o diálogo com outras teorias. Boulos (2016) não demonstrou interesse na tentativa de apresentação do negro e de suas temáticas, não tratando com aprofundamento a relação histórica a partir da contribuição dos povos negros. O autor preferiu seguir um caminho tradicional, escolheu não apresentar o negro como objeto da história escravocrata, porém, agiu de maneira minimizada quanto a inseri-lo como sujeito histórico, ou seja, não se arriscou a dialogar com mais profundidade sobre as questões étnico-raciais e a história africana e o mundo.

Nota-se que houve transformações no ensino e na apresentação da temática, contudo parecem não ter atingido de maneira significativa a organização do conteúdo sobre a História da África nos materiais didáticos. Há um perfil expositivo-informativo dos conteúdos, mas pouco aberto à participação das pessoas comuns plurais nos fatos tratados. Na tentativa de justificar seu compromisso com organização e prática alinhada com o que estabelece legislação e diretrizes, o autor constrói momentos pontuais, no decorrer da obra, distribuídos nas atividades propostas extraídas de testes de vestibulares, textos complementares nas seções intituladas “Para refletir”, “Leitura e escrita em História”, “Cruzando fontes” e “Integrando” que sempre aparecem na parte final de cada capítulo.

Foi possível identificar, pelo percurso do exemplar da coleção, com concentração da temática no capítulo 8 “Independências: África e Ásia”, textos completos e trechos textuais dialogando com questões do negro, conforme descrito abaixo:

- (i) “A Revolta de Bambata”, texto escrito por Leila Leite Hernandez e extraído do livro *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*, 2005, p. 18;
- (ii) um trecho da autora citada acima a respeito de Marcus Garvey, extraído do livro *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*, p. 148;
- (iii) “África e Brasil africano, de Marina de Mello, 2006, p. 27-28;
- (iv) poesia do músico e compositor Jamaicano Bob Marley (1945-1981), a “Canção War”, p. 155;
- (v) “Em reconstrução, Angola enfrenta desafio de crescer com justiça social”, de Wellton Máximo, p. 160;
- (vi) “Brasil de JK”, escrito por Regina da Luz Moreira, p. 192;
- (vii) “Os Bestializados: Rio de Janeiro e a República que não foi”, escrito por José Murilo de Carvalho, pela editora Companhia das Letras, São Paulo, 1987, tratando de Afonso Henrique de Lima Barreto, p. 160;
- (viii) “Mama Negra”, do poeta angolano Viriato da Cruz, do livro *50 poetas Africanos: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe*. Lisboa: Plátamo Editora, 1989, p. 146;
- (ix) “A mensagem Angolana”, extraído da obra “A mensagem poética de Antônio Jacinto, 2003, p. 161;
- (x) “Teatro e racismo no Brasil de Dutra”, mencionado na p. 183;
- (xi) “Monangamba”, poeta ativista angolano Antônio Jacinto, extraído de “A revolta dos colonizadores: o processo de descolonização e as independências da África e Ásia, 1995, p.161; “O show Opinião e a resistência ao golpe de 1964”, p. 207.

Vale destacar que boa parte dos textos foram apresentados em forma de fragmento, relacionados a atividades complementares em capítulos variados, com destaque para o capítulo 1 “Industrialização e imperialismo”, quando trata da “África: dominação e resistência”, p. 12-22, e para o capítulo 8 “Independências: África e Ásia”, p. 146-161, nos quais houve uma quantidade expressiva de textos e fragmentos.

É importante citar, ainda, que no capítulo 3 “Primeira República: dominação e resistência”, ao tratar da indústria e urbanização na Primeira República, guerra de

Canudos, dos Contestados, a valorização do café, Revolta da Chibata e modernização e revolta do Rio de Janeiro, a representação do negro aparece sutilmente em alguns momentos, porém apenas em imagens que remetem aos trabalhos no armazém de café, associados à favela, com espaço precário e sem condições adequadas de moradia. Ouso dizer que temas como a Guerra de Canudos, dos Contestados e a industrialização e urbanização na Primeira República permitiam ao autor promover uma maior exploração da temática negra, visto o contexto histórico e de construção de lutas e conquistas brasileiras, contudo optou por seguir uma linearidade sutil e baseada na tradição dos conteúdos.

Com a análise do livro de Boulos (2016), pode-se afirmar que, no decorrer dos capítulos, não há a intenção direta de reflexão com os estudantes por meio da interpretação dos textos sobre temáticas históricas apresentadas, pois as atividades são vinculadas à compreensão de conceitos e elementos restritos ao texto, tratados de maneira conceitual e descritiva do que está contido no texto. Quanto aos exercícios e demais estratégias utilizadas para o desenvolvimento da educação racial, articulação dos temas históricos e a representação social, política e cultural do negro não há uma prática depreciativa, porém o negro não é incluído como parte do protagonismo de uma série de temáticas em que esteve envolvido. Ao inseri-lo, o autor deteve-se somente aos fatos e acontecimentos históricos.

Percebe-se que sua organização está a serviço dos conteúdos e fatos históricos, com pouco comprometimento em trazer uma reflexão crítica sobre a temática e desarticulada do diálogo com as representações negras que compõem a história, a cultura e a realidade concreta dos estudantes. As atividades propostas estão ligadas ao ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e aos testes de vestibulares, fato que as distancia de uma proposta com questões que analisem os fatos e acontecimentos históricos ocorridos e da problematização da realidade dos estudantes.

Um outro aspecto observado é a inclusão, pelo autor, nas abas dos capítulos, de sugestões de vídeos, reportagens e documentários como possibilidade de enriquecimento do conteúdo proposto. Dentre os materiais apresentados, foi possível identificar dez itens com sugestões acerca de temáticas tratando da representação do negro. São eles:

- (i) Documentário sobre os conceitos do imperialismo e de darwinismo social;

- (ii) Documentário sobre a Revolta da Chibata, com a fala de historiadores e de Adalberto Cândido, filho de João Cândido;
- (iii) Documentário sobre a história e a atual situação do Congo;
- (iv) Documentário sobre a independência de Moçambique;
- (v) Documentário sobre a história e a vida de Nelson Mandela;
- (vi) Entrevista com Desmond Tutu, importante personagem na luta contra o *Apartheid*;
- (vii) Programa que trata das diferentes etnias que habitavam o Brasil nos primeiros anos de República;
- (viii) Vídeo sobre a partilha colonial da África entre os países europeus;
- (ix) Vídeo com a reconstrução dos momentos decisivos da Revolução dos Cravos;
- (x) Filme: Carlitos nas trincheiras, filme de Charles Chaplin (Estados Unidos, 1918), Cornélio Cipião Africano (1938), Squadrone Branco (1936) e Bengasi (1942).

Percebe-se que o material analisado é adequado para inúmeras aulas, auxiliando na organização dos conteúdos, com ótima base histórica dos fatos, principalmente no aspecto político, econômico e de compreensão da estrutura de governo de países, como, por exemplo, quando aponta a política da China, as eleições de Jango a Dutra, os militares no poder, o governo Kruschew, Brejnev, Gorbachev, o governo Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique, Lula e Dilma Rousseff. Porém não há muita ênfase no diálogo histórico, político e social com a participação do negro nos processos de construção política, histórica e social, nas nações que esse grupo étnico constituiu, distanciando o negro, em inúmeros momentos, da integração da construção da história mundial e brasileira.

Quando é organizada a temática envolvendo a representação do negro, o seu protagonismo foi inserido em associação à resistência, a lutas populares e a movimentos sociais. O negro como participação efetiva e direta surgiu apenas nos momentos de apresentação da história de países africanos, em capítulo específico que trata da independência da África.

Dentre os nomes de figuras negras mencionadas no decorrer do livro, têm-se:

- (i) **Como presidência:** Jomo Kenyatta (1963), Quênia; Patrice Lumumba (1960), Congo; presidente de Amílcar Cabral (1973), Guiné-Bissau; Kwame Nkrumah

- (1960), Gana; Nelson Mandela (1994), África do Sul; outros como Agostinho Neto (1975) e Samora Machel;
- (ii) **Na arte, cultura, futebol, música:** Pixinguinha, Dorival Caymmi, O Pracinha, Zéketi, Nara Leão, João do Vale, Wilson Baptista, Ataulfo Alves, atleta Ademar Ferreira da Silva, Garricha, Pelé, Marcus Garry/líder ícone do pan-africano (1940), o poeta Aimé Césaire (1949), mestre Bimba – Manuel Reis Machado (1900-1974);
- (iii) **Na literatura e cinema:** Mário de Andrade e Manuel Ferreira.

Observa-se que a maioria das figuras negras foi apresentada através de fotografias e ilustrações, entre outros formatos, e de textos complementares e breves na composição de aba do texto principal, inclusive, relacionadas a um texto principal marcado pela relação dos aspectos históricos europeus, de exploração, exílio, perseguição e libertação da opressão. Há exceção nos casos em que foram mencionados os presidentes de países africanos e os acontecimentos da independência destes países, mas sem muitos detalhes acerca dos líderes, já que apenas tiveram seu nome mencionado como parte do marco histórico e a caracterização dos marcos de seu governo.

O livro de Boulos (2016) possui 240 imagens entre fotografias, ilustrações e impressos, sendo 31 destas imagens representações de figuras negras. As imagens marcam lideranças, relações de acordo entre África e Europa, o negro no trabalho em armazéns de café, no esporte, na arte, na música, na literatura, na marinha, no tráfico de marfim, em ruínas de igrejas após revoltas e em condições de precarização de favelas do Rio de Janeiro. Alguns exemplos podem ser observados nas imagens capturadas da obra:

Figura 1: A exploração de marfim por europeus.

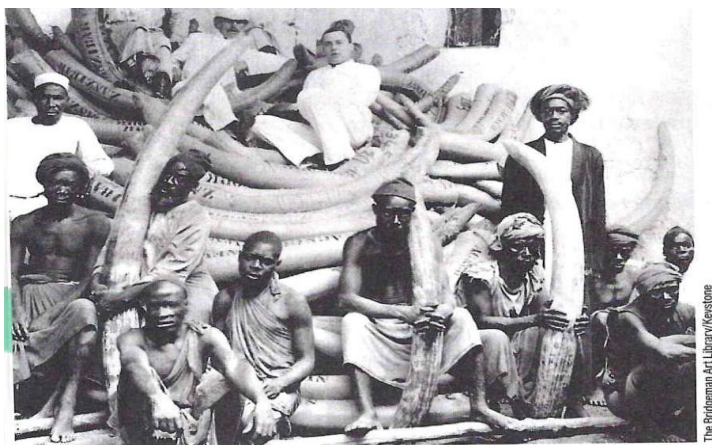


Imagem extraída do livro “História, Sociedade & Cidadania, Boulos (2016), p. 20.

Figura 2: Negros e música brasileira na Era Vargas.

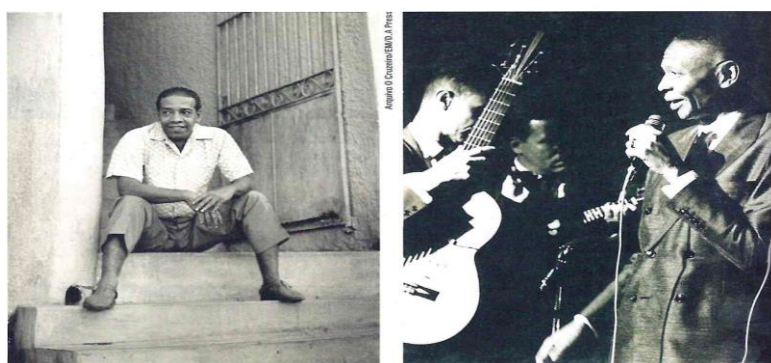


Imagem extraída do livro “História, Sociedade & Cidadania, Boulos (2016), p. 108.

Figura 3: Despedida de pracinha e filho antes de sua partida para a guerra em 1943.

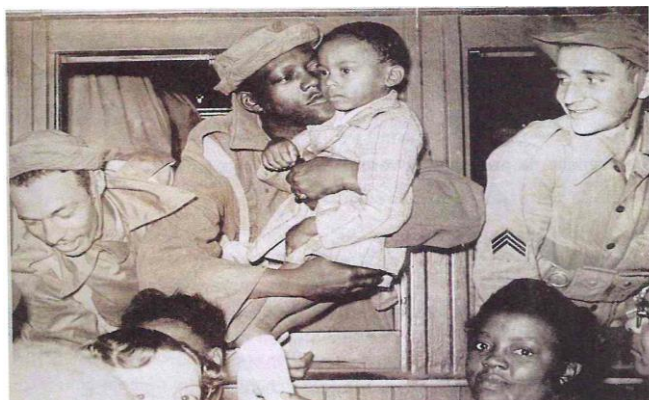


Imagem extraída do livro “História, Sociedade & Cidadania, Boulos (2016), p. 124.

De modo geral, há uma tentativa de apresentar a imagem do negro numa perspectiva da arte, da cultura, dos movimentos sociais e da resistência. O livro utiliza ferramentas criativas, tais como documentários, entrevistas, vídeos, fotografias e ilustrações para valorizar a imagem do negro na obra, porém não é possível identificar práticas e problematizações que ampliem e fortaleçam o pensamento crítico a respeito de uma educação antirracista. Pode-se observar que, mesmo se atentando para a

inserção do negro e para o compromisso com sua representação, o livro parece estar mais a serviço do atendimento a uma normativa do que comprometido com as questões políticas e sociais que envolvem a abordagem temática. Na figura 1 “A exploração de marfim por europeus”, nota-se uma relação de poder entre branco e negro, uma vez que o comerciante branco é colocado no topo e no centro da imagem com ossos, tipo marfim, e com inúmeros negros a serviço do tráfico e não numa tentativa de integralizar o negro relacionando-o a produção cultural, conforme exemplifica a figura 2.

É possível supor que o autor tenha escolhido uma posição que não soasse militante, parecendo ter como objetivo atender as normativas da legislação, mas assumindo uma postura imparcial e neutra, o que, conseqüentemente, fez com que aparentasse omissão a respeito da problematização da representação do negro na linearidade e materialidade histórica, política e social. O livro didático precisa ter como objetivo a discussão, o debate, o questionamento e a ampliação da visão de mundo dos estudantes acerca dos fatos e acontecimentos históricos, permitindo que realizem sua interpretação e sejam capazes de realizar relações entre as abordagens apresentadas, seu cotidiano, o passado e o presente para lançarem-se ao futuro. O que não pode acontecer é utilizar-se o livro didático de maneira equivocada, não atentando para a realização de um olhar crítico e ampliado da realidade.

Os resultados demonstram que houve um esforço para trazer a representação do negro para o livro didático em análise, porém desarticulado da linearidade do conteúdo, dos fatos e acontecimentos apresentados, que permitiam mais possibilidades de tratamento do conteúdo. Nota-se uma tentativa de cumprir a legislação, cuidando de atender às questões da diversidade, entretanto, ainda de maneira superficial, negando o risco de aprofundamento e a articulação com figuras invisibilizadas do material didático. Observa-se também pouco esforço para propor situações pedagógicas que conduzam a um diálogo com figuras da realidade dos/as estudantes.

Com a trajetória da pesquisa, percebe-se que o livro didático estudado procura dar conta dos fatos históricos, tenta minimizar a presença de práticas racistas na abordagem dos conteúdos, mas contribui pouco para a construção de ideias, pensamentos e conhecimentos antirracistas em sala de aula. É importante pensar acerca de propostas que permitam olhar o negro no Brasil e no mundo, percebendo-o a partir da África, compreendendo a identidade negra brasileira em um contexto histórico mais amplo, observando as trocas culturais, políticas e sociais e históricas.

É preciso distanciar-se de uma prática em que os negros são apresentados para caracterizar a sociedade colonial, como objeto complementar do discurso e não constituindo a profundidade do debate proposto pela textualidade do conteúdo e conceitos trabalhados. Experiências que não acolhem essa perspectiva, conseqüentemente, expressam um apego a heranças tradicionais de estudos historiográficos brasileiros, com a tentativa de naturalizar uma concepção do negro meramente como africano, da cultura popular, das lutas, resistências e dos movimentos sociais e como um objeto de discursos ainda à parte ou complementar do conhecimento trabalhado e construído em sala de aula.

Diante da análise empreendida, percebe-se que houve um compromisso do autor com a ruptura do silêncio e da invisibilização da representação do negro no livro didático, mas realizada, na maioria do percurso, de forma paralela ao conteúdo principal.

O conteúdo ainda fortemente alinhado a uma organização tradicional leva a afirmar que o autor isenta-se do empenho com uma prática que contribua para ruptura do racismo, tornando esse um modelo arriscado, uma vez que sabemos que nem todos os professores possuem formação e comprometimento com as questões das relações raciais. Sendo assim, o livro deveria ter ampliado sua responsabilidade em minimizar os efeitos de negação e de invisibilização do negro como sujeito histórico e social.

PROPOSTA PEDAGÓGICA DE INTERVENÇÃO

Diante do estudo apresentado e das interpretações obtidas para a proposta de intervenção pedagógica, expõe-se a seguir um percurso de trabalho a ser desenvolvido, utilizando metodologias ativas e ferramentas educacionais digitais a partir da problematização de figuras negras não escolhidas como ponto de partida para o desenvolvimento das práticas pedagógicas escolares.

Orientações didáticas:

Com base na proposta e utilizando recursos tecnológicos, aprenderemos sobre o protagonismo de Carolina de Jesus e de Chico Prego a partir de situações de aprendizagens ativas e questões implícitas que são materializadas como possibilidades de construção de conhecimento numa perspectiva crítica.

As atividades pedagógicas presenciais serão baseadas em diálogos e conversas, com devolutivas das produções escritas dos estudantes, análise com

eles das respostas e argumentos construídos a partir das pesquisas realizadas e trabalhos em grupos *on-line*.

As atividades pedagógicas não presenciais serão realizadas a partir de pesquisas, vídeos, documentários, leitura de textos informativos e literários, construção coletiva, no *Padlet*, de um mural com informações referentes às problematizações expostas, realização de trabalho em grupo através do *Google Analytics* e por fim a produção de um *podcast*.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM:

Compreender o papel do negro no protagonismo da construção histórica, política e cultural a partir da problematização de figuras negras invisibilizadas: Carolina de Jesus e Chico Prego.

EVIDÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Para verificação de que os estudantes estão evoluindo no processo de aprendizagem, deve-se observar: a participação e interação nos debates e diálogos, o envolvimento na proposta de pesquisa, uma análise de resultado de *quizz*, a participação nas conversas de *chat*, a inserção de produções no *Padlet* e o *feedback* dos alunos e dos familiares sobre as experiências de aprendizagem propostas.

CONTEÚDOS:

Quarto de despejo: Diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus - Trechos do diário de Carolina Maria de Jesus.

Estes são trechos do diário de Carolina Maria de Jesus, moradora da favela do Canindé, em São Paulo, catadora de lixo e mãe de três filhos. Transcrevemos suas palavras letra por letra, desconsiderando o fato de que ela escreve fora da norma culta e no ano de 1955, antes da Reforma Ortográfica. Todo o diário está publicado no livro Quarto de Despejo, que nomeia a coluna.

20 de julho de 1955

Deixei o leito as 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...) Fui no Arnaldo buscar o leite e o pão. Quando retornava encontrei o senhor Ismael com uma faca de 30 centímetros mais ou menos. Disse-me que estava a espera do Binidito e do Miguel para matá-los, que eles lhe expandaram quando ele estava embriagado.

Lhe aconselhei a não brigar, que o crime não trás vantagens a ninguém, apenas deturpa a vida. Senti o cheiro do álcool, disisti. Sei que os ébrios não atende. O senhor Ismael quando não está alcoolizado demonstra sua sapiencia. Já foi telegrafista. E do Circulo Exoterico. Tem conhecimentos bíblicos, gosta de dar conselhos. Mas não tem valor. Deixou o álcool lhe dominar, embora seus conselho seja util para os que gostam de levar vida decente.

PRODUTO

Atividades mão na massa.

Será gerado um Mural (*Padlet* – A voz negra silenciada) com diálogo sobre a história de negros que foram protagonistas da história, da cultura e da política, entre outros temas, que não são citados pelos livros didáticos. Os estudantes serão mobilizados a desenvolverem como produto fim um *podcast* relatando histórias de figuras negras, textos, cinema, música, dança, depoimentos, superações, relatos etc.

Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia.

Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna.

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela.

... Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E um ficou carimbado com uma bala. O assalto teve inicio as 4 horas. Quando o dia clareou as crianças catava dinheiro na rua e no capinzal. Teve criança que catou vinte cruzeiros em moeda. E sorria exibindo o dinheiro. Mas o juiz foi severo. Castigou impiedosamente.

Fui no rio lavar as roupas e encontrei D. Mariana. Uma mulher agradável e decente. Tem 9 filhos e um lar modelo. Ela e o espôso tratam-se com iducação. Visam apenas viver em paz. E criar filhos. Ela tambem ia lavar roupas. Ela disse-me que o Binidito da D. Geralda todos os dias ia prêso. Que a Radio Patrulha cançou de vir buscá-lo. Arranjou serviço para êle na cadêia. Achei graça. Dei risada!... Estendi as roupas rapidamente e fui catar papel. Que suplicio catar papel atualmente! Tenho que levar a minha filha Vera Eunice. Ela está com dois anos, e não gosta de ficar em casa. Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o pêso do saco na cabeça e suporto o pêso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me. Depois domino-me. Ela não tem culpa de estar no mundo.

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Êles não tem ninguem no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

Aqui, todas imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo. Acesso em janeiro de 2021:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/texto/quarto-de-despejo-diario-de-uma-favelada/index.html

Videodocumentário: Queimados e Canal dos Escravos - Um história que se encontra, **link:** https://www.youtube.com/watch?v=gVB3s--aaFI&ab_channel=FelipeCorr%C3%AAa

DESCRIÇÃO DETALHADA DAS ATIVIDADES	TIPO DE ATIVIDADE		RECURSOS	LINK	DATA
	APP	APNP			
“ANTES” DA AULA PRESENCIAL					
1 . Criação de grupo de comunicação com os estudantes;		X	Google Classroom;		

1.1. Criação do mural no <i>padlet</i> com as problematizações a partir de uma situação concreta relacionada ao protagonismo de Carolina de Jesus e de Chico Prego;			<i>WhatsApp</i> ; <i>Telegram</i> ;		
1.2. Socialização sobre o assunto por meio de grupos de <i>WhatsApp</i> e <i>Telegran</i> criados para interagir com os estudantes;					
1.3. Postagem de tópicos sobre o assunto O Negro e Seu Protagonismo em tópicos no <i>Google Classroom</i> .					
2. Leitura de Trechos do diário de Carolina Maria de Jesus - Quarto de despejo: Diário de uma favelada , de Carolina Maria de Jesus - Reflexão sobre a seguinte questão: Conhece a história e a vida de Carolina de Jesus?		X	<i>Padlet</i> – mural criado pelo professor.		
3. Solicitar aos alunos que assistam, com atenção, ao vídeo relacionado ao conteúdo que estamos estudando. Pedir que não se esqueçam de anotar os principais conceitos...		X	Link do YouTube	https://www.youtube.com/watch?v=g_vB3s--aaFl&ab_channel=FelipeCora%C3%AAa	
4. Após ler o texto, assistir ao vídeo e realizar as reflexões propostas, realizar uma pesquisa sobre o Negro e Seu Protagonismo e construção de um breve texto informativo com imagens, áudios e outras ilustrações para inserir no <i>Padlet</i> e compartilhar com os colegas. 4.1 Pedir aos alunos que leiam a postagem com a produção de quatro colegas da turma e realizem comentários a respeito, contribuindo com a pesquisa realizada pelo colega.		X	<i>Padlet</i> – mural criado pelo professor.		
4. Após escutar o <i>podcast</i> , ler o texto no livro didático e assistir ao vídeo, os alunos devem responder o questionário.		X	Forms		
“DURANTE”- AULA PRESENCIAL					
[Em virtude do distanciamento social, deve-se evitar realizar atividades em grupos] 5 - Realização de dinâmica de grupo chamada de <i>brainstorming</i> ou tempestade cerebral para explorar os conteúdos estudados.		X	Lousa e <i>Powerpoint</i>		
5.1 -[Aula expositiva dialogada; tira-dúvida, exploração de resultado de quiz.] Discussão sobre os principais pontos abordados nos materiais estudados.		X			
5.2 - [Exploração do resultado do questionário] <i>Feedback</i> sobre o questionário.		X	<i>Datashow</i>		
[Dependendo da intencionalidade, o professor pode encerrar aqui e já iniciar o próximo conteúdo ou planejar uma atividade mais complexa relacionada ao mesmo tema para o “pós-aula”.]					
“PÓS” AULA PRESENCIAL					
6 – Elaborar um mapa mental sobre o conteúdo abordado e trazer na próxima aula ou postar no <i>Padlet</i> .		X	Definir		
7 - De forma concomitante, os alunos podem iniciar a produção da		X	Definir		15/03

pesquisa para o desenvolvimento dos <i>podcast</i> .					
CONCLUSÃO DA AULA ANTERIOR [E/OU CONTINUIDADE DO PRÓXIMO CONTEÚDO]					
8 - Fechamento da atividade anterior; avaliação coletiva das atividades realizadas; exploração do mural realizado; resolução de exercício de forma colaborativa; discussões coletivas; atividade de laboratório; atividades práticas etc.	X				17/03

A proposta é uma exposição breve de uma sugestão de percurso para elucidar as sugestões percorridas pelas reflexões trazidas pelo estudo, alinhando o uso de recursos tecnológicos, pesquisa e problematizações a partir das construções de situações-problemas que levem os estudantes à pesquisa e à construção colaborativa do conhecimento a partir do uso das tecnologias e considerando para a prática um contexto de pandemia e de impossibilidade de atividades totalmente presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da trajetória construída por meio deste estudo foi possível perceber que, em relação aos principais desafios apresentados pelo processo de efetivação da Lei 10.639/03, houve mudanças significativas na inclusão da temática no livro didático. Porém, ao olhar atenta e criticamente o conteúdo, não são percebidas mudanças significativas na abordagem do conteúdo. Certamente, a necessidade de aceitar como relevante a organização dos conteúdos propostos pela legislação citada, de maneira a tratá-los como obrigatórios é um desafio, mas é necessário romper com práticas de reprodução sutis que ainda permeiam a literatura didática. Há, diante do exposto, um longo percurso a ser trilhado para resolver os problemas de distanciamento entre a teoria, a lei e a prática, a fim de atender uma ausência epistêmica, histórica, social e cultural quanto ao lugar da representação do negro no currículo e, conseqüentemente, na organização dos conteúdos dos materiais didáticos e de suas práticas pedagógicas.

O desafio é compreender e apresentar preocupação com a representação do negro e a realização de uma educação como prática antirracista, porém, não sendo exercício incorporado por mera obrigação legal e/ou atendimento a imposições de documentos de diretrizes curriculares. As práticas nesse tom pedagógico enfraquecem as questões das relações étnico-raciais no contexto do currículo e das práticas pedagógicas, produzem prejuízos na trajetória de estudantes negros e geram racismo epistêmico.

Percebe-se que ainda há, no centro do conteúdo, a prática de uma cultura de conhecimento dominante. Assim sendo, os/as estudantes são impedidos de conhecer a história, os valores e os saberes que constituem a sociedade brasileira. Por conseguinte, constata-se a necessidade de que o livro didático apresente avanços em relação à inclusão do conhecimento e da representação do negro, não como se estivesse cumprido uma exigência de “cota” da lei, mas que sejam feitas de maneira a promover transformações que comecem por dentro do conteúdo, de sua organização e de abordagem pedagógica. Assim, é importante que a prática pedagógica não se limite ao proposto pelo livro didático, pois apresenta forte possibilidade de não incentivar a reflexão.

Por tudo isso, este estudo reconhece a importância de organização e de sistematização de propostas de intervenção pedagógica, a partir de figuras negras desconhecidas e anuladas dos currículos, acolhendo a construção de práticas pedagógicas que tratem o assunto com cientificidade e engajamento. Ao empregar inúmeras figuras negras invisibilizadas e que se tornam potentes possibilidades de reconstrução do conhecimento, de compromisso com a diversidade e caminho para a descobertas, reiteramos a proposta apresentar Carolina de Jesus, Chico Prego e Chadwick Boseman como pontos de partida para a reinvenção da ação pedagógica.

Portanto, destaca-se que o livro didático analisado mostrou-se insuficiente na inclusão do tema representação do negro. Essa conclusão não se deve à quantidade de inclusões de imagens, textos complementares e distribuição da temática, mas à pequena quantidade de diálogos dos conteúdos em linearidade e materialidade com a cultura e a história africana e afro-brasileira. Afinal, o autor poderia ter-se permitido mais ao trazer para a historicidade dos fatos e acontecimentos o papel do negro, assumindo mais um compromisso crítico, de justiça social e epistêmica do que apenas um papel de cumprimento legal para tornar o livro didático adequado ao programa de escolha do livro didático.

Uma proposta de descolonização curricular, de formação permanente de educadores/as da educação básica pode contribuir para a construção e reconstrução de práticas pedagógicas de intervenção que aproximem a teoria da prática e articulem pensamentos que façam a lei funcionar de forma significativa, perpassando conteúdos, conhecimentos e práticas pedagógicas e educativas com que os/as estudantes terão contato, superando paradigmas e transformando a maneira de olhar a diversidade étnico-racial, dando novos anúncios e estando a serviço da educação

da tolerância que se dá pelo testemunho. Se tivermos uma prática desprotegida de coerência entre o dizer e o fazer, há riscos para o convívio com a diferença.

ABSTRACT

THE PRESENCE OF BLACK PEOPLE IN ELEMENTARY EDUCATION IMAGINATION: a proposal for pedagogical intervention.

The study is guided by the analysis of black people's representation in the elementary education history coursebook. It seeks, through the proposal of pedagogical intervention and from the perspective of learning based on problem situations, to strengthen initiatives capable of evidencing reflections and experiences that collaborate to the reinvention of anti-racist practices, the implementation of Law no. 10.639/03, and the dialogue about inclusion of knowledge about black people in elementary education as concrete experience. Methodologically, it used bibliographic and qualitative approach based on content analysis of the history textbook and its relation with the representation of the black, based on images, content and content theme. It concludes that there have been changes and advances in the organization of content and thematic inclusion, but they were not enough to significantly penetrate the curricular and pedagogical practices proposed by the textbook. Consequently, the contribution is still not enough to decolonize pedagogical thoughts and practices and make the law be materialized in the curricular context and everyday school practices.

Keywords: Black representation. Coursebook. Elementary education.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rosineide Brazilino; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. **Estado da arte: o negro no livro didático de história do ensino fundamental I e II**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 8, 2020. Disponível em: file:///C:/Users/Elson/Downloads/15678-40541-1-PB%20(2).pdf. Acesso em: set. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder executivo, Brasília, DF, 23 de dez. 1996, Seção 1, p. 27833. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 09 de janeiro de 2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder executivo, Brasília, DF, 10 de jan. 2003. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão et al. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2013, p. 496-513.

BOULLLOS. Alfredo Júnior. **História, Sociedade & Cidadania**. v. 3, ed. 2. São Paulo: FTD, 2016. (Coleção História, Sociedade & cidadania).

CRUZ. Ana Cristina Juvenal da. **O lugar da história e cultura africana e afro-brasileira nos debates contemporâneos do currículo brasileiro**. Ensino Interdisciplinar, v. 3, n. 8, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/RECEI/article/view/2504>. Acesso em: ago. 2020.

DAMIANI, Magda Floriana et al. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação, v. 45, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/21521270-Palavras-chave-pesquisa-do-tipo-intervencao->

pedagogica-teoria-historico-cultural-da-atividade-pesquisa-aplicada.html. Acesso em: jun. 2020.

FAGUNDES, Heldina Pereira Pinto; CARDOSO, Bert Leni Costa. **Quinze anos de implementação da Lei 10.639/2003: desafios e tensões no contexto da Base Nacional Comum Curricular**. Exitus. v. 9, n.3, 2019. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/918>. Acesso em: set. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'água, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades sociais, letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia**. Trabalhos em Linguística Aplicada. Unicamp. V. 51, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645419>. Acesso em: ago. 2020.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe nos livros didáticos de língua estrangeira na perspectiva da Linguística Aplicada. In: Aparecida de Jesus Ferreira (Org.). **As políticas do livro didático e identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em livros didáticos**. Campina – SP: Pontes, 2014.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Entrevista Aparecida de Jesus Ferreira. **Letramento Racial Crítico: falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia**, Revista X, v. 14, 2019.

FERREIRA, Susana Aparecida; FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Identidades Sociais de raça e formação continuada de professores de Língua Inglesa**.

Educere et Educare, v. 10, 2015. (versão eletrônica). Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/12612>. Acesso em: ago. 2020.

GARRIDO, Mirian **A representação do negro no material didático**. Carta Capital, São Paulo, 20 nov.2017. Seção Opinião. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniaio/representacao-do-negro-no-material-didatico/>. Acesso em: ago. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do Ensino Superior**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES. Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, São Paulo, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>, Acesso em: jul. 2020.

JANZ. Rubia Caroline. **Dez anos da lei 10.639/03: o que mudou nos livros didáticos de História? – uma proposta de análise**. Anais XV Encontro Estadual de História “1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado”, Florianópolis, 2014.

MATTE, ALEXANDRE Aloys Junior; ALVES, Darlã de; GEVEHR, Daniel Luciano. **A representação da etnia negra nos livros didáticos: o papel social da figura do negro no material de apoio pedagógico da educação básica**, v. 5, n.1, 2017. Disponível em: <http://www.ieduc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/141>. Acesso em ago. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-30.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Convergências midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**, SOUZA. Carlos de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Org.). v. II, 2015. (Coleção Mídias contemporâneas).

MULLER, Tania Mara Pedroso. **Livro didático, Educação e Relações Étnico-raciais**: o estado da arte. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/57232> Acesso em: ago. 2020.

NEIRA, Marcos Garcia. Conteúdos do currículo cultural e a afirmação das diferenças, In: **A escola pública em crise**, BOTO, C.; SANTOS, V. M.; SILVA, V.B.; OLIVEIRA, Z. V. (Orgs.). São Paulo: Livraria da Física, 2020.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares**: representações e imprecisões na literatura didática. *Estudos Afro-asiáticos*, ano 25, n. 3, 2003.

PEIXOTO, Fabiana Lima. **Afrobetizar**: análise das relações étnico-raciais em cinco livros didáticos do Ensino Médio. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/23990/1/tese_FLPeixoto.pdf. Acesso em: 20 de ago. 2020.

PIO, Alessandra. **Lei nº 10.639/03. Outra escola?** Cadernos da Educação Básica, v.1, n.1, 2016. Disponível em: https://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/07/Lei_No_10.639_2003_outra_LDB_Outra_esco.pdf. Acesso em: ago. 2020.

REAL. Luana; FERREIRA, Aparecida de Jesus. A identidade negra no Programa Nacional do Livro didático de Língua Inglesa de 2018. *Travessias*, v. 13, 2020. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23602>. Acesso em: ago. 2020.

REIS, Luiza Nascimento dos. **O exílio africano de Paulo Farias (África Ocidental, 1964-1969)**. In.: Dossiê: Exílio e afastamento: considerações sobre uma hermenêutica da distância? *Tempo*, v. 25, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tem/v25n2/1980-542X-tem-25-02-430.pdf>. Acesso em: set. 2020.

ROCHA, Décio; DEUDARÁ. **Análise de conteúdo e Análise do discurso**, ALEA, v. 7, n. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>. Acesso em: set. 2020.

SANTOS. Dominique Vieira Coelho. **Acerca do conceito de representação**. Revista de Teoria da História, Universidade de Teoria da História, Ano 3, n.6, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28974/16144> .Acesso em: set. 2020.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. Universidade Federal da Bahia, Centro Editorial e Didático, 1995.

SILVA, Ana Célia da. **A representação social do negro no livro didático: o que mudou? Porque mudou?** Salvador: EDUFBA, 2011.

SILVA. Flávia Carolina da. **A análise da representação do/a negro/a em um livro didático**. África e africanidades, ano 8, n. 20, 2015. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br. Acesso em: ago. 2020.

SILVA, Claudilene; SANTIAGO, Eliete. **História e cultura afro-brasileira: uma política curricular de afirmação da população negra no Brasil**. Educación, v. XXV, nº 48, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18800/educacion.201601.003>. Acesso em: jul. 2020.

ZANETTI, Giovani Neto. **Práticas de ensino, estratégias de avaliação**. Ifes, ed. 1. Vitória, 2019 (public. Digitalizada).